

## EFÉSIOS 2.1-10: O CARÁTER UNIVERSAL DO PECADO, A CONDIÇÃO DO SER HUMANO E A ATIVIDADE DIVINA

Cleub Evaristo Pereira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo propõe uma análise de Efésios 2.1-10 com o propósito de esclarecer o assunto sobre o caráter universal do pecado, destacando algumas consequências advindas do pecado original e considerando a incapacidade do ser humano frente ao mesmo. Isto, por causa da impossibilidade de ação que lhe é imposta pelo estado em que se encontra, e que o faz ser conduzido e coagido por forças internas e externas, promovendo, então, um nítido distanciamento cada vez maior do alvo proposto por Deus, e conseqüentemente, aproximando-o do juízo e da ira divina. Todavia, esta inatividade do homem por causa das consequências e influência do pecado é suplantada pela ação de Deus que providencia salvação para os perdidos, por causa da sua misericórdia e do seu grande amor.

**Palavras-chave:** Pecado. Ser humano. Incapacidade. Providência. Atividade divina.

### ABSTRACT

This present article proposes an analysis in Ephesians 2.1-10, with the purpose to clarify the matter about the universal character of sin, highlighting some consequences arising from original sin and considering the inability of the human being against it, this, because of the impossibility of action imposed on it by state in which it is involved, and that causes it to be driven and coerced by internal and external forces, thus promoting a clearer and greater distance from God's target, and consequently drawing him closer to divine judgment and wrath, yet this inactivity of man because of the consequences and influence of sin is supplanted by God's action, that provides salvation for the lost because of His mercy and His great love.

**Keywords:** Sin. Human being. Inability. Providence. Divine activity.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia (curso livre) pela FEST (Filemom Escola Superior de Teologia). Pós graduando em Teologia Sistemática e em Docência do Ensino Superior pela FASSEB (Faculdade Assembleiana do Brasil), Bacharel em Teologia (FASSEB), Bacharel em Teologia com concentração em Missiologia (curso livre) pelo SETBB (Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro). Professor de Teologia convidado da FAP (Faculdade Piracanjuba). Professor na FASSEB. Professor nos seminários STEBB, SETEBLIR (Seminário Teológico Evangélico da Igreja Batista Livre Renovada) e SETAL (Seminário Evangélico de Teologia da América Latina). Pastor na Comunidade da Fé – Igreja Cristã, em Goiânia /GO. E-mail: cleubevaristo@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A queda trouxe consequências terríveis para toda a criação, principalmente para o ser humano. Este recebeu, por herança, tanto o pecado quanto a culpa advindos da primeira transgressão, passando então para um estado de morte, escravidão e afastamento de Deus. Isto fez com que ele se tornasse incapaz de agir em causa própria, transformando-se em um refém de si mesmo, passando então a andar segundo a sua natureza caída, sendo terrivelmente coagido e conduzido por forças internas e externas, caminhando sempre para o mal!

A análise de Efésios 2.1-10 mostrará, em detalhes, esta situação de total incapacidade do homem frente ao problema do pecado, e o que Deus fez para mudar esta terrível realidade!

### 1 EFÉSIOS 2.1-3: O CARÁTER UNIVERSAL DO PECADO

A carta aos Efésios possivelmente foi escrita nos primeiros anos da década de 60. Ela, juntamente com as epístolas aos Filipenses, aos Colossenses e à Filemom, são denominadas de “Epístolas da Prisão”, isto por terem sido, provavelmente, escritas durante o primeiro aprisionamento do apóstolo Paulo em Roma ( Ef 3.1; Fl 1.7; Cl 4.10; Fm 9 ), o que também explica grande parte do seu conteúdo.

Há uma discussão acirrada a respeito dos verdadeiros destinatários dessa epístola, tendo em vista que nos manuscritos mais antigos como o papiro Chester Beatty 46, que é datado do segundo século, e nos códices *Vaticanus* e *Sinaíticus*, ambos do quarto século, não aparece a expressão “em Éfeso” que está registrada no primeiro versículo da carta. Isto sugere que, provavelmente, esta missiva de Paulo possa ter tido um caráter encíclico, ou seja, foi endereçada não só para os santos e fiéis em Cristo da cidade de Éfeso, mas a todos os santos e fiéis em toda a Ásia Menor, ou melhor, a todos os santos e fiéis em Cristo Jesus de todos os lugares.

A perícopes (Ef 2.1-10), que é base para este breve artigo, colabora de maneira contundente com esta conjectura, pois sua mensagem é relevante e fundamental não apenas para os cristãos do primeiro século, mas para todos os cristãos de todos os lugares e de todas as épocas. Ela permanece tão atual como foi para os seus primeiros leitores, demonstrando assim, que possui aspectos universais e atemporais.

O conteúdo da carta oferece evidências internas bem claras sobre esta realidade, principalmente quando trata da questão do pecado. Na carta, o apóstolo usa uma estrutura

didática gramaticalmente específica para separar judeus de gentios; por ser ele também um judeu, usa sempre a primeira pessoa do plural para referir-se a eles, e para os gentios, sempre usa a segunda pessoa do plural! Claro que na sequência do capítulo 2 ele vai fazendo uso desse conceito até ficar claro que, em Cristo, essa separação acaba, pois dos dois povos, Deus faz um só corpo (2.16). Porém, a divisão estabelecida pelo apóstolo para distinguir esses grupos demonstra que o pecado é uma realidade tanto para os judeus quanto para os gentios, ou seja, todos são pecadores. O problema do pecado não é restrito a um grupo específico, mas é uma realidade universal! Isto fica caracterizado de forma mais intensa quando o apóstolo usa, no verso 3 a expressão οἱ λοιποὶ (*hoi loipoi*), que é traduzida em português, na Almeida Revista e Atualizada (ARA), como “os demais”. Esta frase fecha a questão sobre a universalidade do pecado, pois o apóstolo está referindo-se por meio dela, não ao povo judeu, e nem aos gentios destinatários da epístola, mas ao restante de toda a humanidade! Como afirma Bernard Ramm: “Isso significa que a acusação não se limita aos leitores da carta, ou ao território da Ásia Menor, mas inclui o mundo inteiro” (2018, p. 72). Quando Paulo faz uso desta frase após ter dissertado a respeito da força e do alcance do pecado, nivela todos os seres humanos por baixo, ou seja, de forma negativa, pois demonstra que todos estão na mesma posição por causa do pecado! Tratando dessa questão, John Stott diz o seguinte:

Antes de olharmos detalhadamente esta descrição desalentadora da raça humana distanciada de Deus, precisamos saber com clareza que é uma descrição de todas as pessoas. Paulo não está retratando uma tribo particularmente decadente ou um segmento degradado da sociedade, e nem mesmo o paganismo extremamente corrupto dos seus próprios dias. Não, este é o diagnóstico do homem caído na sociedade caída em todos os lugares. É verdade que Paulo começa com um *vós* enfático, indicando em primeiro lugar seus leitores gentios da Ásia Menor, mas passa rapidamente a escrever (v. 3a) que *todos nós andamos outrora* da mesma maneira (assim acrescenta a si mesmo e aos demais judeus), e conclui com uma referência aos *demais* seres humanos (v. 3b). Temos aqui, então, o conceito do apóstolo quanto a todos os homens sem Deus. É um quadro da condição humana universal (STOTT, 2001, p. 45).

Esta realidade está de acordo com o testemunho bíblico acerca da abrangência do pecado. Tanto o Antigo Testamento quanto o Novo garantem que o pecado é uma realidade universal. Todo ser humano é inerentemente pecador. Teologicamente pode-se compreender que essa condição é imposta ao ser humano a partir da queda. Toda a humanidade herdou de Adão tanto o pecado quanto a culpa advindos do pecado original. Todos, naturalmente, recebem essa herança quando são concebidos, como afirma Davi: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5). Este conceito é confirmado de maneira clara pelo apóstolo Paulo quando escreve aos romanos, pois na epístola enviada a eles, por meio de

uma compilação de vários textos do Antigo Testamento (Sl 5.9; 10.7; 14; 36.1; 53; Is 59.7,8), destaca que toda a humanidade é pecadora. Também salienta que o pecado entrou no mundo por intermédio de Adão e que, por sua ofensa, todos se tornaram alvo do juízo divino para a condenação (Rm 1-5).

O teólogo continuísta Wayne Grudem, falando a respeito do pecado, diz que: “Além da culpa legal que Deus nos imputa por causa do pecado de Adão, também herdamos uma natureza pecaminosa como consequência do pecado dele” (2010, p. 408). Augustus Hopkins Strong que, por muito tempo, foi reitor e professor de Teologia Bíblica do Seminário Teológico Rochester, em sua Teologia Sistemática tratando sobre o caráter universal do pecado, destaca a corrupção da natureza de todo membro da raça humana, assinalando que ela é a fonte do verdadeiro pecado e que, por si mesma, é pecado (2008, p. 1025). Para Herman Bavinck: “Desde o primeiro pecado de nossos ancestrais, toda a raça humana carrega a culpa, a corrupção, e a consequência do pecado” (2012, p. 77). O doutor Russel Shedd apresenta o pecado dentro do conceito de hereditariedade e afirma que o pecado: “É algo orgânico, que cresce na árvore humana de geração em geração, assim como a semente reproduz em sua espécie o tipo de semente da qual veio” (1995, p. 86). O ilustre teólogo Millard J. Erickson escrevendo sobre a extensão do pecado faz a seguinte observação: “Para a pergunta, quem peca?, a resposta é óbvia: o pecado é universal. Ele não se limita a poucos indivíduos isolados ou mesmo à maioria da raça humana. Todos os homens, sem exceção, são pecadores” (1997, p. 259). O erudito evangélico Bernard Ramm faz uma declaração explícita acerca do caráter universal do pecado afirmando que o propósito de Romanos 1.18-3.20 é provar que toda a humanidade é pecadora (2018, p. 69). Ele também compara este texto de Romanos ao de Efésios 2.1-3 relacionando os dois à questão da universalidade do pecado (2018, p. 72). De maneira bem semelhante John Stott afirma que Efésios 2.1-3 é uma condensação dos três primeiros capítulos de Romanos, onde Paulo trata da questão do pecado e da culpa de toda a humanidade (2001, p. 45,46).

Efésios 2.1-3, além de destacar o caráter universal do pecado, descreve a condição da humanidade caída sob o pecado, destacando a incapacidade do ser humano de desvencilhar-se do pecado por sua própria ação!

## **2 EFÉSIOS 2.1-3: A CONDIÇÃO DO SER HUMANO**

A condição em que o ser humano caído se encontra sob o pecado é descrita na perícopre supracitada de três formas, todas as três demonstram a impossibilidade de ação do homem frente ao pecado!

## 2.1 Mortos

Efésios 2 inicia-se literalmente com a frase “estando vós mortos nos vossos delitos e pecados”. No grego não aparece neste versículo as frases “Ele vos deu vida” ou “vos vivificou” como aparecem em algumas traduções. Na verdade, a palavra que pode ser traduzida destas formas aparece só no verso 5: é a palavra *συνεζωοποίησεν* (*sunezôpoiesen*), que é um aoristo, indicativo, ativo de *συζωοποιέω* (*suzôpoieô*), que pode ser traduzida por “fazer viver junto com”; esta palavra é um sinônimo de “ressuscitar”. A expressão foi transportada para o versículo 1 como um recurso didático dos tradutores para auxiliar o leitor a compreender melhor o texto. O termo grego usado para mortos no texto é *νεκρους* (*nekrous*). Aqui a palavra mortos refere-se especificamente à impossibilidade de agir diante do pecado! Bernard Ramm destaca que o significado de mortos em Ef 2.1 é o de “inanimado e inerte em sentido espiritual, ou totalmente indiferente às inspirações divinas” (2018, p. 73). Semelhantemente Stott afirma que: “É uma declaração real da condição espiritual de todas as pessoas fora de Cristo” (2001, p. 46). Paulo queria que todos que lessem esta passagem entendessem que fora de Cristo todos estão mortos e impossibilitados de agir em causa própria, pois o estado em que se encontram os impede de fazer alguma coisa!

A sequência do texto relata que esta inatividade do morto é só em relação às questões divinas, afinal o próprio texto esclarece que estão mortos em seus delitos e pecados. Ou seja, esses delitos e pecados sugerem uma determinada ação. Estão incapacitados de agir positivamente para o bem, mas agem naturalmente em suas transgressões para o mal. As duas palavras usadas aqui são *παραπτώμασιν* (*paraptomasin*) que é traduzida por delitos em português, e também pode ser traduzida literalmente como “passos em falso”, e *ἁμαρτίας* (*hamartiais*) que é comumente traduzida por pecados, e tem o significado específico de “errar o alvo”. Propositamente, Paulo usa estes dois termos para descrever a situação do pecador. Sobre isso o antigo capelão honorário da rainha Elizabeth II diz o seguinte:

Estas duas palavras parecem ter sido cuidadosamente escolhidas para relatar de modo compreensivo o mal humano. Um delito (*paraptôma*) é um passo falso, que envolve ou a travessia de uma fronteira conhecida ou um desvio do caminho certo. Um pecado (*hamartia*), no entanto, significa mais um erro do alvo, deixando de chegar à altura de um padrão. Juntas, as duas palavras abrangem os aspectos positivo e negativo, ou ativo e passivo, do mau

procedimento humano, ou seja, nossos pecados de comissão e de omissão. Diante de Deus somos tanto rebeldes quanto fracassados. Como resultado, Estamos ‘mortos’ ou ‘alheios’ à vida de Deus’ (STOTT, 2001, p. 46).

O homem caído está morto, não tem nenhuma condição de agir em prol de sua ressurreição!

## 2.2 Escravos

Curiosamente esta palavra não aparece no texto, todavia seu conceito na estrutura literária do versículo 2 é inegável. Já foi dito anteriormente que os mortos não conseguem agir positivamente para o bem, mas somente para o mal. E agindo para o mal sempre em passos falsos, nunca alcançam a meta estabelecida por Deus!

No verso 1 a condição que mantém alguém morto é inerente ao seu próprio ser, pois está interiorizada em cada ser humano pela herança adâmica. Já a escravidão que é subentendida nos versos seguintes, é fruto de forças tanto internas, quanto externas. Além de ser escravo da própria natureza, também é escravizado por forças externas e isso, é claro, por causa da natureza que possui.

Todos os seres humanos sem Cristo são escravos do pecado. Martinho Lutero, em seu livro clássico “Nascido Escravo”, disse:

Esta escravidão universal ao pecado inclui até mesmo aqueles que parecem ser os melhores e mais retos. Não importa o grau de bondade que um homem possa alcançar; isso não é a mesma coisa que possuir o conhecimento de Deus. O que há de mais admirável é sua razão e sua vontade, contudo, é forçoso reconhecer que esta mais nobre porção dos homens está corrompida (LUTERO, 2007, p. 21).

### 2.2.1 Escravos da própria natureza

O homem caído é vassalo de suas próprias vontades. Cada um serve aos seus próprios anseios e concupiscências. Aqui é preciso entender o que o texto quer dizer com “inclinações da nossa carne”. A palavra grega que foi traduzida por carne no versículo 3 é o termo *σαρκός* (*sarkos*); carne aqui não faz referência a músculos e tecidos, muito menos ao corpo apenas, mas faz alusão à carne como sendo a fonte dos desejos, sejam eles físicos (do corpo), ou dos pensamentos (mente). John Stott esclarece este conceito da seguinte forma:

Dois esclarecimentos são necessários. Primeiro, nada há de errado com os desejos naturais do corpo, seja para a comida, para o sono ou para o sexo pois Deus criou o corpo humano desta maneira. É somente quando o apetite pela comida se transforma em glotonaria, o anseio pelo sono em preguiça, e

o sexo é pervertido pela concupiscência, que os desejos naturais se transformam em desejos pecaminosos. Em segundo lugar, as inclinações da carne incluem os desejos errados da mente e não somente do corpo, ou seja: pecados tais como a soberba intelectual, a falsa ambição, a rejeição da verdade conhecida, e pensamentos maliciosos e vingativos (STOTT, 2001, p. 48, 49).

O ser humano caído é cativo do seu próprio “eu”, está escravizado por suas vontades inerentemente exacerbadas e irreprimíveis! Como disse Stott: “Sempre que o ‘eu’ levanta a sua terrível cabeça contra Deus ou contra o homem, eis aí a carne” (2001, p. 49).

### 2.2.2 Escravos do mundo

O segundo versículo destaca que o ser humano sem Deus caminha “segundo o curso deste mundo”. Esta é uma tradução da frase: *κατὰ τὸν αἰῶνα τοῦ κόσμου τούτου* (*kata ton aiôna tou kosmou toutou*). A discussão sobre este verso concentra-se no vocábulo *αἰῶν* (*aiôn*), pois ele tem vários significados no Novo Testamento. O “Léxico do N.T. Grego/Português” que é editado por F. Wilbur Gingrich e revisado por Frederick W. Danker, admite a possibilidade de ser uma referência a “*Eon* (Eão) um poderoso espírito maligno Ef 2.2 [...]” (1984, p. 14). Muitos intérpretes do Novo Testamento o identificam como sendo o próprio diabo. Outra interpretação corriqueira do termo é que ele seja sinônimo de mundo, tendo assim o significado de “sistema”, ou seja, o mundo alienado de Deus e que sofre influência do diabo! Na primeira epístola do apóstolo João, ele refere-se à condição de “que o mundo inteiro jaz no maligno” (5.19). Todo o sistema deste mundo está distante de Deus e sob influência maligna! Isto confere ao *aion* também um sentido temporal, pois em algumas ocasiões na Escritura é traduzido por “era”, “século” etc. Neste caso o *aion* seria o “presente século”, o tempo que desenvolve-se paralelamente em oposição a Deus e ao seu Reino, o chamado “secularismo”. Bernard Ramm falando a respeito do *aion* faz a seguinte observação:

Os pecadores percorrem um curso de vida planejado e traçado por Satanás. [...] a palavra *aion* que tem muitos significados na língua grega e no N.T. Poderia significar duas coisas em Efésios 2.2. Uma vez que, em muitos casos, trata-se de um sinônimo de mundo, algumas traduções trazem ‘o curso deste mundo’, isto é, a vida típica dos pecadores e dos ímpios. Também pode significar um governante, portanto, uma pessoa. Nesse sentido, Paulo identifica Satanás com duas expressões: (1) o governo deste mundo, e (2) o príncipe do poder do ar (expressão judaica para denotar a área do governo de Satanás). Todavia, a sensação da passagem é a mesma, não importa como traduzimos *aion*. Os pecadores andam em transgressões, pecados e desobediência e conduzem a vida sob influência satânica (2018, p. 74).

Sendo assim, ser escravo do mundo (sistema) é viver de acordo com a sociedade perversa que se posiciona em oposição aos princípios do Reino de Deus; essa oposição acontece, principalmente por causa do pecado e, depois pela influência maligna!

### 2.2.3 Escravos do diabo

Já foi adiantado, no tópico anterior, que o ser humano caído e sem Deus, vive sob a influência maligna. O texto em questão destaca que quem anda segundo o curso desse mundo, é conduzido pelo príncipe da potestade do ar, ou seja, por Satanás! Dura é esta realidade! Entretanto, reflete a mais pura verdade. Quem não anda com Deus, anda com o diabo, quem não é guiado por Deus é conduzido pelo diabo e quem não é de Deus é do diabo, não existe meio termo! A frase “o príncipe da potestade do ar”, τὸν ἀρχοντα τῆς ἐξουσίας τοῦ ἀέρος (*ton arkhonta tês eksousia tou aeros*), destaca a autoridade do diabo sobre os principados, as potestades, e sobre as forças espirituais do mal, além de eliminar o mito de que ele está no inferno (algum lugar debaixo da terra) com seus demônios. Efésios 3.10 e 6.12 menciona as regiões celestes ou lugares celestiais como sendo também o lugar ou a atmosfera onde as forças malignas se concentram; provavelmente seja esta a correta compreensão a respeito da palavra “ar” em Efésios 2.2.

Quando o apóstolo Paulo fez menção ao pecador andando no caminho proposto pelo príncipe da potestade do ar, provavelmente tinha em mente a figura do triunfo, em que o vencedor da batalha, além de saquear os bens dos derrotados, os escravizava e os levava como despojos. Eram expatriados e conduzidos como escravos em uma terrível fileira, todos acorrentados pelos tornozelos em um percurso preordenado, onde não havia nenhuma possibilidade lógica de fuga para a liberdade! Ainda falando acerca da influência e do domínio do diabo sobre o pecador, Paulo destaca que ele é o espírito que atua nos filhos da desobediência. Aqui não se trata de dois espíritos, mas Paulo está esclarecendo que este espírito que age nos desobedientes é o mesmo que ele mencionara como sendo o príncipe da potestade do ar! Sobre isto, John Stott faz a seguinte observação:

Uma frase adicional é do espírito que agora atua nos filhos da desobediência. Visto que a palavra espírito está no genitivo, não está em oposição a príncipe (acusativo). Devemos entender, pelo contrário, que ‘o príncipe da potestade do ar’ também é ‘o príncipe do espírito que atua nas pessoas desobedientes’ (STOTT, 2001, p. 48).

O ser humano sem Cristo é escravizado por forças internas e externas: em primeiro lugar, é vassalo de seus próprios desejos por causa de sua natureza caída; em seguida, vive

sob o sistema do mundo como um escravo que é dominado pelos conceitos e ações que são contrários aos princípios do Reino de Deus; e finalmente, subjugado e conduzido pelo diabo.

### 2.3 Filhos

A passagem apresenta uma certa filiação que é proveniente da herança adâmica e da prática continuada de delitos e pecados. Na perícopes, o apóstolo Paulo, descrevendo a situação do pecador, usa duas palavras gregas para filho, a primeira é υἱός (*huiós*) que tem o significado usual de filho, descendente, etc., a segunda é τέκνα (*tekna*), e tem praticamente o mesmo significado; são termos intercambiáveis, a não ser quando o contexto indica que exista a necessidade de ser feita uma certa diferenciação entre eles, o que não é o caso aqui.

#### 2.3.1 Filhos da desobediência

A frase *filhos da desobediência*, no grego, é: υἱοὶ τῆς ἀπειθείας (*huióis tês apeitheias*). O *Léxico do N.T. Grego/Português* apresenta esta frase como sendo um hebraísmo usado para referir-se à desobediência (1984, p. 27). Aqui o ser humano caído é identificado como filho da desobediência não apenas pelo fato de possuir uma natureza pecaminosa, mas por ele mesmo agir conscientemente em oposição aos princípios de Deus. Mesmo sem ter os olhos abertos pela iluminação do Evangelho, pratica de maneira consciente atividades que são ilícitas e totalmente reprováveis. Esta é uma das razões de estar sob a atuação do maligno.

A desobediência, neste caso, destaca o estado de rebeldia em que o homem sem Cristo se encontra. Como se não bastasse apenas o fato de possuir uma natureza pecaminosa, que é inerentemente escravizadora, ele agora trilha o caminho da desobediência por opção e não apenas por causa de imposições, ou seja, faz também porque quer, e não apenas porque é compelido por forças internas ou externas! J. N. Darby, comentando este fato, afirma que os filhos da desobediência “por sua vontade própria se subtraíam ao governo de Deus” (DARBY, 1988, p. 119).

#### 2.3.2 Filhos da ira

A expressão τέκνα φύσει ὀργῆς (*tekna fusei orgês*), “por natureza filhos da ira” é, no mínimo, assustadora! Afinal, o texto descreve que todos os seres humanos são filhos da ira por “natureza”. Esta é, sem dúvida, uma condição terrível! Qual o real significado de “natureza” neste texto? Ela refere-se à condição do homem sob o pecado. Todo ser humano caído é filho da ira por causa do pecado e da culpa herdados de Adão, e conseqüentemente

também, por causa dos seus próprios pecados, pois sua natureza corrompida leva-o à constante prática do mal, tornando-o responsável por seus próprios pecados. Sobre esta questão, Stott fazendo um comentário sobre o artigo de número 9 da Confissão de Fé da Igreja Episcopal, que afirma que a natureza do ser humano é corrompida por ser este gerado da descendência de Adão, e que pelo fato deste ter se afastado tanto da justiça original inclinando-se para o mal, faz com que toda pessoa nascida neste mundo, seja merecedora da ira e da condenação da parte de Deus, diz o seguinte:

Noutras palavras, nossa própria natureza humana herdada merece, em si mesma, a ira e o julgamento de Deus. Parece que é isso que Paulo está ensinando aqui; como podemos entendê-lo? Provavelmente, o melhor comentário seja o dele mesmo, conforme se acha em Romanos. Assim como estes versículos são uma versão condensada de Romanos 1-3, assim também a expressão *por natureza filhos da ira* é um resumo de Romanos 5:12-14. Ali seu argumento de que ‘a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram’ não é que todos herdaram uma natureza pecaminosa que os levou a pecar e, portanto, a morrer mas, sim, que ‘todos pecaram em Adão e com ele’. O Antigo Testamento tem um forte sentido de solidariedade da raça humana. Fala da geração seguinte como estando já ‘nos lombos’ da presente geração, verdade que segundo se pode dizer, a genética moderna sublinha. Paulo está dizendo, pois, que não podemos fazer de Adão o nosso bode expiatório e culpá-lo por nosso pecado, por nossa culpa e por nossa condenação. Nós também estamos em Adão, pois pode ser dito com veracidade que nele e com ele incorremos na culpa e morremos. Não é neste sentido que podemos ser descritos como sendo *por natureza* pecadores e sujeitos ao justo julgamento de Deus? (2001, p. 51-52)

Muitos, porém, rejeitam esta questão da hereditariedade do pecado e da culpa (concepção de Agostinho), e sinalizam que “por natureza” significa um longo caminhar em delitos e pecados. Bernard Ramm, fazendo menção a este modo de interpretar o conceito, destaca:

A opinião mais recente entende que *por natureza* significa a longa história do pecador como pecador. A pessoa pecadora transgredir de modo tão habitual que isso se tornou sua segunda natureza. Alguém tão habituado a pecar é, portanto, apenas digno da ira divina e designado filho da ira (RAMM, 2018, p. 76).

Todavia, o que torna o homem pecador, é de fato sua natureza herdada, natureza esta que o faz caminhar em seus delitos e pecados! Porém, até para aqueles que rejeitam a hereditariedade da culpa e do pecado, o texto em questão garante que todos os que não estão em Cristo, estão na mesma condição, são filhos da ira!

Tudo o que foi dito sobre a condição do ser humano fora de Cristo até aqui, demonstra a total incapacidade do homem diante das diversas circunstâncias. Para o homem caído é impossível sair do estado em que se encontra, sua inabilidade está condicionada a esta posição

que ocupa, pois no pecado não tem consciência da real situação; sendo assim, não pode fazer nada!

### 3 EFÉSIOS 2.4-10: A ATIVIDADE DIVINA

Os dois tópicos anteriores são totalmente desanimadores, pois demonstram que todos sem Cristo estão perdidos, e o que é pior, nada podem fazer em relação a isto! Afinal, mortos não sabem de coisa alguma, ninguém jamais viu um morto organizando o próprio velório, por exemplo. Escravos estão condicionados à vontade de seus senhores, só caminham até onde os grilhões e as correntes permitem. Filhos recebem sua condição por hereditariedade, e naturalmente passam a viver de acordo com sua natureza.

Mas, por decreto eterno, Deus já havia por decreto providenciado uma solução para este problema, pois antes da fundação do mundo o sacrifício de Cristo já era realidade (1 Pe 1-18-21; 2 Tm 2.9,10). Então, na plenitude do tempo (Gl 4.4), o que é eterno irrompe a história para transformá-la totalmente. A incapacidade humana foi suplantada pela ação de Deus que é oriunda do seu grande amor e de sua misericórdia. Em Cristo o impossível perde sua prerrogativa, pois o sacrifício do Calvário dá ao homem caído uma nova perspectiva.

A conjunção adversativa que aparece no início do versículo 4 é, sem dúvida, uma das sentenças mais espetaculares de toda a Escritura. “Mas Deus”, ὁ δὲ θεός (*hó de theós*), ou seja, o pecador não tem nenhuma possibilidade de salvar-se a si mesmo, está perdido e condenado; “porém”, “todavia”, “entretanto”, “contudo”, “no entanto”, “não obstante”, “apesar disso”, “mesmo assim”, “de outra sorte”, “se não”, Deus agiu contra a condição do homem caído e em trevas!

Tudo isto por causa de sua riqueza em misericórdia, e também “por causa do seu grande amor com que nos amou”. Esta frase é redundantemente maravilhosa, pois mostra a causa da intervenção divina. Deus “amou”, ἠγάπησεν (*egápesen*), o aoristo aqui, não equivale apenas ao nosso pretérito perfeito, mas confere a este amor uma ação indeterminada e contínua; atemporal. Deus amou antes da fundação do mundo, continua amando e sempre amará!

A atividade divina estabelece a reversão do estado terrível em que o ser humano caído encontrava-se (que na verdade muitos ainda se encontram) ao morto, dá vida, ressuscitando-o, ao escravo, dá carta de alforria, libertando-o, ao filho desobediente, que seria castigado como filho da ira por causa da sua natureza, recria-o em Cristo, fazendo-o nascer de novo, então dá a ele a absolvição da condenação eterna, salvando-o da segunda morte. Também faz “assentar” nos lugares celestiais em Cristo, aqueles que caminharam uma longa jornada,

conduzidos e coagidos por influências terríveis, proporcionando para eles um descanso imediato e que iminentemente se concretizará plenamente no porvir.

Esta ação divina é operada por meio de sua maravilhosa graça. Este favor imerecido contrapõe-se aos verdadeiros méritos do pecador! Graça que alcança e transforma o pecador dando-lhe condições de exercer sua fé salvadora em Cristo Jesus, pois alcançado e regenerado passou da morte para vida, seus olhos foram abertos pela maravilhosa graça, não vive mais na escuridão da morte, muito menos, escravizado, pois é livre para crer e para servir de maneira consciente, pois agora é verdadeiramente um filho de Deus, é filho da sua misericórdia e do seu amor e não mais um filho da ira! Anthony Hoekema falando sobre o resultado da fé salvadora, afirma:

A fé salvadora é definida como uma resposta ao chamado de Deus pela aceitação de Cristo pela pessoa toda – isto é, com convicção firme da verdade do evangelho e com dependência confiante em Deus, em Cristo, para a salvação, junto com compromisso autêntico com Cristo e seu serviço (HOEKEMA, 2002, p. 144).

Deus, por sua ação poderosa, concede a salvação para o perdido, única e exclusivamente pela graça, mediante a fé salvadora que ele mesmo concede ao ser humano. Nenhum homem pode salvar-se a si mesmo, isto já foi esclarecido de maneira redundante através da análise da perícopie em questão. Deus age na vida do ser humano caído e providencia a ele a condição de crer em Cristo. Esta salvação não acontece por méritos próprios, mas pelo mérito de Cristo, não por obras humanas, mas pela santa providência de Deus.

## CONCLUSÃO

O versículo 10 relata a grandiosidade da atividade divina operada no ser humano que outrora estava caído. Deus o recriou em Cristo, ele agora é feitura de Deus. A palavra grega aqui que foi traduzida por “feitura” é o vocábulo ποιήμα (*poiema*), que significa “criação”, “o que foi feito”, “poema”. No texto, esta palavra está condicionada ao pronome, genitivo, masculino, singular αὐτοῦ (*autou*), “dele”; isto indica, primeiramente, que a salvação é fruto de uma atividade divina, operada por ele e para ele. Em seguida entende-se que os seres humanos que estavam mortos, agora estão vivos porque foram feitos “conforme à imagem de seu Filho” como está escrito em Romanos 8.29; esta é a razão da palavra *poiema* (poema) ser usada aqui, pois descreve a magnitude da atividade divina que foi operada naqueles que foram

feitos agora conforme a imagem de Cristo que “é a imagem do Deus invisível, a expressão exata do seu Ser” (Cl 1.15, Hb 1.3). Os verdadeiramente salvos são um poema de Deus, eles são feitura dele, pois foram criados em Cristo Jesus. A palavra que Paulo usa aqui para “criados”, é κτισθέντες (*ktisthentes*), promovendo uma redundância proposital para destacar que os que estão em Cristo são a “nova criação de Deus” assim como está escrito em 2 Coríntios 5.17, καινὴ κτίσις (*kaine ktisis*). Criados, ou melhor, recriados por Deus conforme a imagem de seu Filho; é por isso que, no porvir, os salvos serão semelhantes a ele (1 Jo 3.1,2).

John Stott, mencionando esta condição nova dos seres humanos em Cristo, destaca o que eles são agora e o que fizeram para ser:

O que somos agora? Somos *feitura* de Deus (*poieêma*, ‘sua obra de arte, sua obra prima’), criados (*ktisthentes*) em Cristo Jesus. As duas palavras gregas falam de criação. Até esta altura, Paulo já descreveu a salvação em termos de uma ressurreição dentre os mortos, uma libertação da escravidão e um salvamento da condenação. E cada uma destas descrições declara que a obra é de Deus, porque os mortos não podem ressuscitar a si mesmos, nem as pessoas presas e condenadas podem libertar a si mesmas. Mas agora explana a questão sem deixar a mínima sombra de dúvida. A salvação é a criação, a nova criação. E a linguagem da criação é um contra-senso a não ser que haja um Criador; a autocriação é uma contradição patente de termos (STOTT, 2001, p. 56-57).

O fato de Deus ter feito tudo, e do homem não ter feito nada pela salvação, não quer dizer que agora o homem não deva fazer alguma coisa por ela! O texto afirma categoricamente que o ser humano, que é feitura dele, que foi criado em Cristo Jesus, foi criado “para as boas obras” preparadas previamente por Deus para ele. Claro que este fazer, não é para ser salvo, pois já está salvo (também a perícopes deixa claro que não são por obras que alguém é salvo 2.8-9), muito menos para não perder esta salvação, mas para evidenciá-la. Todos os que foram feitos à imagem de Cristo vivem realizando as obras que, de antemão, o próprio Deus preparou para eles andarem nelas. Aqui, é o reverso do *paraptoma* que foi apresentado anteriormente, onde cada um andava em passos falsos e fora da direção, sendo conduzidos por suas naturezas caídas e pelo diabo. O andar agora περιπατήσωμεν (*peripatésomen*) é em passos certos e alinhados, no caminho certo (Jesus), guiado por Deus para fazer a coisa certa até chegar ao fim da caminhada e se encontrar com o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores!

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2ª.ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**: o pecado e a salvação em Cristo. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- DARBY, J. N. **Estudos sobre a Palavra de Deus**. Lisboa: Depósito de literatura cristã, 1988.
- ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy. (Orgs). **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela graça**: a doutrina bíblica da salvação. 2ª. ed. rev. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- LUTERO, Martinho. **Nascido escravo**. 2ª. ed. São José dos Campos: Fiel, 2007.
- RAMM, Bernard. **Ofensa à razão**: uma teologia do pecado. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.
- SHEDD, Russel P. **A solidariedade da raça**: o homem em Adão e em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**: a nova sociedade de Deus. 6ª ed. São Paulo: ABU Editora, 2001.
- STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia Sistemática**. 2ª. ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2007.